

DF - Museus

DATA ■ Brasília aguarda inauguração do Complexo Cultural para entrar no circuito das grandes exposições

Futuro melhor para museus do DF

ANDRÉ OLIVEIRA

Soraia Costa

No Dia Internacional dos Museus, amanhã, Brasília precisa de esforço especial para comemorar. O problema é generalizado e atinge as instituições do setor em todo o País. Apesar das discussões sobre a montagem de um sistema integrado de museus estarem adiantadas, a implementação da integração não tem prazo para ser concluída.

Atualmente, as unidades museológicas sofrem com falta de investimento e de profissionais capacitados. No Brasil, há apenas três cursos superiores de museologia, o que acarreta um número reduzido de profissionais graduados.

Por exemplo, em toda a rede de museus do Distrito Federal, composta por mais de 40 instituições, trabalham somente cinco museólogos.

Outro problema no DF está nos espaços destinados às exposições e à conservação dos acervos. Até a abertura do Museu da República, Brasília estará fora do eixo das grandes mostras nacionais e internacionais, pois mesmo os melhores espaços da cidade não atendem às exigências mínimas de refrigeração e segurança exigidas pelo padrão internacional.

— A gente está fora do eixo das grandes exposições. Até mesmo o Centro Cultural Banco do Brasil traz mostras parciais para Brasília. Com a abertura do Museu da República, no entanto, esse problema será resolvido — destaca Marta Benévolo, gerente do Museu de Arte de Brasília.

Segundo ela, apesar das dificuldades, a cidade ainda é privilegiada.

— De fato os museus estão em uma situação de inadequação há muitos anos. Mas existem outras regiões com situação realmente precária. Sempre houve exposições em Brasília, mesmo que em locais improvisados — afirma Marta.

A responsável pelo MAB, principal museu público da ci-

dade, reclama da carência de legislação, estrutura e profissionais, não apenas nos museus, mas em toda a área cultural.

— A gente ainda está engatinhando. A implantação do Sistema Brasileiro de Museus e a abertura do Complexo Cultural da República devem melhorar a situação, mas ainda é preciso investir em equipamentos e profissionais. Os museus sem estrutura funcionam como os hospitais precários. Não é possível fazer um bom trabalho sem verbas, equipamentos e profissionais adequados — garante.

Acervo — O Museu de Arte de Brasília possui 1.200 obras, mas a maioria das peças está isolada, o que dificulta a montagem de exposições. Não é possível separar o acervo por autores ou períodos, pois, há apenas um representante de determinado artista ou faltam obras de determinados perío-

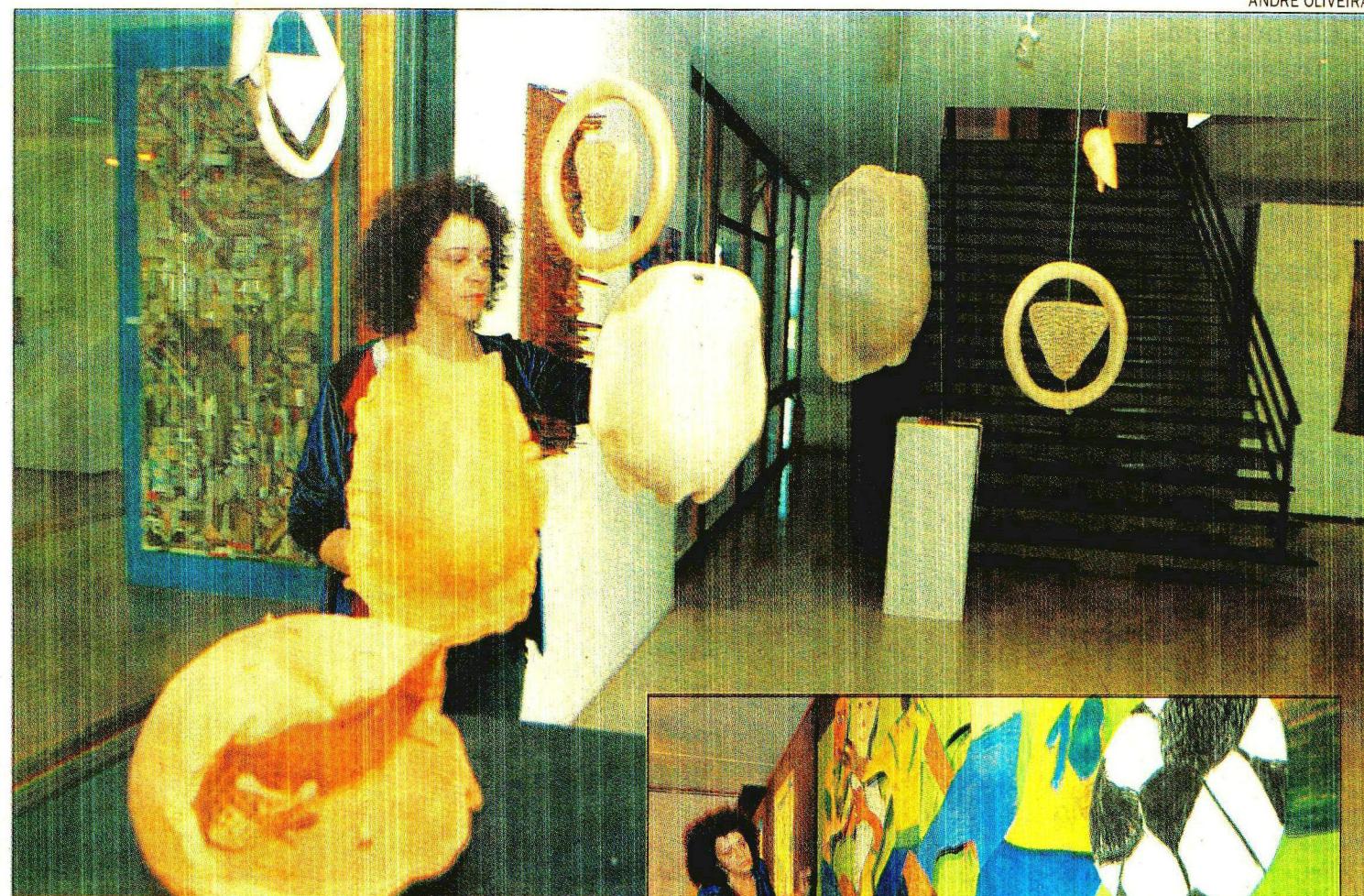
Museus brasileiros, até no DF, sofrem com falta de investimento e de profissionais

dos. O prédio do MAB foi improvisado e funciona, em caráter temporário, há 25 anos.

— O prédio foi adaptado. Não tem pé direito ideal. Em nosso acervo há obras de mais de cinco metros e que só podem ser expostas em outros espaços, pois não cabem no MAB. É possível que após a inauguração do Museu da República o MAB se dedique aos artistas da cidade ou à educação artística — arrisca Marta Benévolo.

Segundo ela, a dificuldade em se manter um acervo de artistas locais é não saber se eles alcançarão ou não o sucesso.

— Ainda é cedo para avaliar se esses artistas vão prosperar. A história deles é muito recente, assim como a da própria cidade — diz a gerente do MAB.



Marta, do Museu de Arte de Brasília, mostra que ainda é preciso investir em equipamentos e profissionais, mas que a inauguração do Complexo Cultural pode levar a um novo movimento, colocando o DF no eixo das mostras

